

Tradução de Les trois hommes de pierre, de George Sand, para o português do Brasil

Patrícia Rodrigues Costa⁴⁵

Universidade de Brasília (UnB)

Resumo

George Sand, escritora feminista francesa do século XIX, é conhecida principalmente por seus romances e por sua vida amorosa. Contudo, devemos chamar atenção também para suas obras destinadas ao público infanto-juvenil e àquelas que visaram recolher contos, lendas, tradições orais de sua região natal. É nesse sentido que buscamos aqui apresentar a tradução do conto *Les trois hommes de pierre*, presente na obra *Les Légendes rustiques* (1858) e ainda não traduzida para o português do Brasil.

Palavras-chave

Literatura francesa traduzida. Tradição oral. George Sand. *Les trois hommes de pierre*.

45 Doutora em Estudos da Tradução (2018) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Estudos de Tradução (2013), bacharel em Agronomia (2014) e Bacharel em Letras/Tradução - Inglês (2008) pela Universidade de Brasília. Licenciada em Letras Inglês (2019) pelo Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) da Universidade de Brasília. Tradutora inglês/francês para o português.

Introdução

O texto *Les trois hommes de pierre* faz parte da obra, ainda não traduzida para o português do Brasil, *Les Légendes rustiques* (1858), de autoria da escritora francesa George Sand (1804 – 1876). Esta obra foi concebida a partir de tradições orais, canções, lendas e contos recolhidos por seu filho Maurice Sand (1823 – 1889) – responsável pelas ilustrações presentes no livro – nos campos de sua região natal, a Berry. Os doze textos presentes nesta obra (*Les Pierres-Sottes ou Pierres Caillasses; Les Demoiselles; Les Laveuses de nuit ou Lavandières; La Grand'Bête; Les Trois Hommes de Pierre; Le Follet d'Ep-NeII; Le Casseu' de Bois; Le Meneu' de Loups; Le Lupeux; Le Moine des Étangs-Brisses; Les Flambettes; Lubins et Lupins*) revelam as crenças e as superstições dos aldeões e dos camponeses franceses do século XIX, como relatado pela escritora em carta ao filho no início desta obra e aqui apresentada.

Amantine-Aurore-Lucile Dupin, mais conhecida por George Sand, nasceu em Paris em 1804. Casou-se em 1822 com Jean-François Dudevant, tendo seu primeiro filho, Maurice, no ano seguinte. Começou utilizando inicialmente o pseudônimo G. Sand, inspirado no nome de Jules Sandeau, seu amante e escritor iniciante, e somente em 1832 com a publicação de seu romance *Indiana* passa a usar o pseudônimo George Sand, tornando-se reconhecida nacional e internacionalmente com a publicação de *Lélia* em 1833. A decisão de Dupin em usar um pseudônimo masculino é explicado por “[...] possibilitar a publicação e maior circulação de seus textos, além de proteger a si mesma e a suas obras contra o preconceito em relação a uma escrita feminina.” (COSTA; SOUSA, 2015, p. 260). Sobre sua escrita, Costa e Sousa (2015) relatam que

George Sand escreveu de forma contínua entre 1830 e 1876 diversos gêneros literários: romances campestres, socialistas e sentimentais, contos, peças de teatro, artigos críticos publicados em jornais e ensaios políticos, textos autobiográficos e diversas correspondências. A escrita de Sand é um marco na história do romantismo francês, sendo referência em relação aos direitos da mulher, especialmente no tocante ao prazer, e à igualdade de direitos com relação aos homens. (COSTA; SOUSA, 2015, p. 259-260)

Sobre a região em que os contos de *Les Légendes rustiques* (1858) foram recolhidos e constantemente descrita nas obras de Sand, Berry é uma região histórica francesa que existiu durante o Antigo Regime e tinha por capital a cidade de Bourges. Sua estrutura administrativa, porém, foi alterada em decorrência da Revolução Francesa, sendo dividida a princípio em três departamentos (Cher, Indre e Loiret) e atualmente é dividida em dois departamentos: Cher (correspondendo ao Alto Berry) e Indre (correspondendo ao Baixo

Berry), na região Centro-Vale do Loire. Segundo a Encyclopædia Britannica⁴⁶, a população da região da Berry (em francês, *Berrichons*) são em sua maioria de origem celta – que influenciou fortemente a tradição folclórica da região, como poderemos verificar no *Avant-propos* desta obra –, mas que a partir de 1950 teve a entrada de imigrantes poloneses, italianos e espanhóis. Ademais, o dialeto desta região apresenta diversas palavras provenientes do latim antigo e continua a ser falado em algumas cidades dos departamentos de Cher e Indre. Por fim, vale destacar que a casa onde morou a escritora na cidade de Nohant, no departamento de Indre, foi transformada em museu, a *Maison de George Sand à Nohant*.

Em relação à tradução da Obra desta feminista pioneira, que teve suas obras não censuras nas bibliotecas públicas por parte do Senado francês, ressalta-se que entre 1841 e 2015, somente 39 traduções haviam sido publicadas no Brasil (COSTA; SOUSA, 2015). Contudo, é necessário que um novo levantamento seja realizado, dado que em 2017 foram publicadas ao menos duas traduções de obras desta escritora e em 2019 uma coleção em sua homenagem foi criada. Em 2017, a editora Unesp publicou a obra *História da minha vida* (*Histoire de ma vie*; 1854 – 1855), traduzida por Marcio Honório de Godoy e organizada por Magali Oliveira Fernandes, e a Editora Kuzuá publicou *François, o Menino Abandonado* (*François, Le Champi*; 1847-1848) traduzida por Liliane Mendonça. Já em 2019, a recém-fundada Editora Revolução das Margaridas⁴⁷ criou a Coleção Biblioteca George Sand, a qual publicou *Contos da vovó* (*Contes d'une Grand-Mère*; 1873) traduzido por Eric Heneault e, em breve, mais oito obras traduzidas serão publicadas.

Passaremos à tradução dos seguintes textos contidos no livro *Les Légendes rustiques*: 1) *À Maurice Sand*, uma dedicatória de George Sand ao seu filho; 2) *Avant-propos*, o prefácio dessa obra que explica a origem dos contos e a importância da região natal de Sand para sua escrita; 3) *Les trois hommes de pierres*, o conto aqui escolhido para retratar a obra *Les Légendes rustiques*.

46 Encyclopædia Britannica. *Berry*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Berry-historical-region-France>>. Acesso: mar. 2020.

47 Coleção George Sand. Editora revolução das Margaridas. Disponível em: <<https://revolucaodasmargaridas.com.br/colecao-biblioteca-george-sand/>>. Acesso: mar. 2020.

À Maurice SAND

Mon cher fils,

Tu as recueilli diverses traditions, chansons et légendes, que tu as bien fait, selon moi, d'illustrer; car ces choses se perdent à mesure que le paysan s'éclaire, et il est bon de sauver de l'oubli qui marche vite, quelques versions de ce grand poème du *merveilleux*, dont l'humanité s'est nourrie si longtemps et dont les gens de campagne sont aujourd'hui, à leur insu, les derniers bardes.

Je veux donc t'aider à rassembler quelques fragments épars de ces légendes rustiques, dont le fond se retrouve à peu près dans toute la France, mais auxquelles chaque localité a donné sa couleur particulière et le cachet de sa fantaisie.

George SAND.

A Maurice Sand

Meu querido filho,

Tu recolheste diversas tradições, canções e lendas, que fizestes bem, penso, em ilustrar. Pois estas coisas se perdem à medida que o camponês se ilumina e é bom salvar do esquecimento algumas versões deste grande poema fantástico, de que a humanidade se alimentou por tanto tempo e cujas pessoas do campo são, hoje, sem seu conhecimento, seus últimos bardos.

Por isso, quero ajudá-lo a recolher alguns fragmentos dispersos dessas lendas rústicas, cuja essência encontra-se por toda a França, mas às quais cada localidade deu sua cor específica e o timbre de sua fantasia.

George SAND.

AVANT-PROPOS

Il faudrait trouver un nom à ce poème sans nom de la fabulosité ou merveillesité universelle, dont les origines remontent à l'apparition de l'homme sur la terre et dont les versions, multipliées à l'infini, sont l'expression de l'imagination poétique de tous les temps et de tous les peuples.

Le chapitre des légendes rustiques sur les esprits et les visions de la nuit serait, à lui seul, un ouvrage immense. En quel coin de la terre pourrait-on se réfugier pour trouver l'imagination populaire (qui n'est jamais qu'une forme effacée ou altérée de quelque souvenir collectif) à l'abri de ces noires apparitions d'esprits malfaisants qui chassent devant eux les larves éplorées d'innombrables victimes? Là où règne la paix, la guerre, la peste ou le désespoir ont passé, terribles, à une époque quelconque de l'histoire des hommes. Le blé qui pousse à le pied dans la chair humaine dont la poussière a engraisé nos sillons. Tout est ruine, sang et débris sous nos pas, et le monde fantastique qui enflamme ou stupéfie la cervelle du paysan est une histoire inédite des temps passés. Quand on veut remonter à la cause première des formes de sa fiction, on la trouve dans quelque récit tronqué et défiguré, où rarement on peut découvrir un fait avéré et consacré par l'histoire officielle.

Le paysan est donc, si l'on peut ainsi dire, le seul historien qui nous reste des temps anté-historiques. Honneur et profit intellectuel à qui se consacrerait à la recherche de ces traditions merveilleuses de chaque hameau qui, rassemblées ou groupées, comparées entre elles et minutieusement disséquées, jetteraient peut-être de grandes lueurs sur la nuit profonde des âges primitifs.

Mais ceci serait l'ouvrage et le voyage de

PREFÁCIO

Deveríamos dar um nome a este poema sem nome de fabuloso ou maravilha universal, cujas origens remontam ao surgimento do homem na Terra e cujas versões, multiplicadas ao infinito, são a expressão da imaginação poética de todos os tempos e de todos os povos.

O capítulo de lendas bucólicas sobre os espíritos e as visões da noite seria, em si mesmo, uma obra imensa. Em que parte da Terra poderíamos refugiar-nos para encontrar a imaginação popular (que nada mais é que uma forma apagada ou alterada de qualquer lembrança coletiva) ao refúgio dessas aparições sombrias de espíritos malignos que caçam diante de si vermes enlutados de incontáveis vítimas? Aí onde reina a paz, a guerra, a peste ou em que o desespero terrível tenha passado em algum momento da história dos homens. O trigo que cresce na carne humana cujo pó engordou nossos canais. Tudo é ruína, sangue e destroços sob nossos passos e o mundo fantástico que inflama ou surpreende o cérebro do camponês é uma história inédita de tempos antigos. Quando queremos voltar às primeiras formas de sua ficção, a encontramos em alguns relatos truncados e desfigurados, em que raramente podemos descobrir um fato comprovado e consagrado pela história oficial.

O camponês é, portanto, se assim podemos dizer, o único historiador que nos resta dos tempos pré-históricos. Honra e ganho intelectual àqueles que se consagram à pesquisa dessas tradições maravilhosas de cada lugarejo que, reunidas ou agrupadas, comparadas entre si e minuciosamente dissecadas, talvez lançariam grande luz sobre a noite profunda de épocas remotas.

Mas esta seria a obra e a viagem de toda

toute une vie, rien que pour explorer la France. Le paysan se souvient encore des récits de son aïeule, mais le faire parler devient chaque jour plus difficile. Il sait que celui qui l'interroge ne croit plus, et il commence à sentir une sorte de fierté, à coup sûr estimable, qui se refuse à servir de jouet à la curiosité.

D'ailleurs, on ne saurait trop avertir les faiseurs de recherches que les versions d'une même légende sont innombrables, et que chaque clocher, chaque famille, chaque chaumière a la sienne. C'est le propre de la littérature orale que cette diversité. La poésie rustique, comme la musique rustique, compte autant d'arrangeurs que d'individus.

J'aime trop le merveilleux pour être autre chose qu'un ignorant de profession. D'ailleurs, je ne dois pas oublier que j'écris le texte d'un album consacré à un choix de légendes recueillies sur place, et je m'efforcerai de rassembler, parmi mes souvenirs du jeune âge, quelques-uns des récits qui complètent la définition de certains types fantastiques communs à toute la France. C'est dans un coin du Berry, où j'ai passé ma vie, que je serai forcé de localiser mes légendes, puisque c'est là, et non ailleurs, que je les ai trouvées. Elles n'ont pas la grande poésie de chants bretons, où le génie et la foi de la vieille Gaule ont laissé des empreintes plus nettes que partout ailleurs. Chez nous, ces réminiscences sont plus vagues plus voilées. Le merveilleux de nos provinces centrales a plus d'analogie avec celui de la Normandie, dont une femme érudite, patiente et consciencieuse a tracé un tableau complet.

Cependant l'esprit gaulois a légué à toutes nos traditions rustiques de grands traits et une couleur qui se rencontrent dans toute la France, un mélange de terreur et d'ironie, une bizarrerie d'invention extraordinaire jointe à un

uma vida só para explorar a França. O camponês ainda se lembra dos relatos de seu ancestral, mas fazer com que ele fale é cada vez mais difícil. Ele sabe que a pessoa que o questionar não acredita mais, e começa a sentir uma espécie de orgulho, certamente estimável, que se recusa a ser usado como joguete à curiosidade.

Além disso, nunca é demais advertir aos pesquisadores que existem inúmeras versões de uma mesma lenda, e que cada campanário, cada família, cada cabana tem a sua própria. Esta diversidade é marca da literatura oral. A poesia bucólica, assim como a música bucólica, tem tantos arranjadores quanto indivíduos.

Eu amo bastante o maravilhoso para ser tudo menos um ignorante de profissão. Além disso, não posso esquecer que escrevo o texto de um álbum consagrado a uma seleção de lendas recolhidas localmente e buscarei reunir, entre as minhas lembranças de tenra idade, alguns relatos que integram a definição de alguns tipos fantásticos comuns a toda a França. É em um canto de Berry, em que passei minha vida, que serei obrigada a localizar minhas lendas, visto que foi ali e não alhures, que as encontrei. Elas não têm a grande poesia das canções bretãs ou a genialidade e a fé deixadas da velha Gália, como sua marca mais nítida do que em qualquer outro lugar. Entre nós, essas reminiscências são mais vagas, mais veladas. O maravilhoso de nossas províncias centrais tem mais analogia com aquele da Normandia, na qual uma mulher instruída, paciente e consciente traçou um quadro completo.

No entanto, o espírito galego abandonou a todas nossas tradições bucólicas de distintas peculiaridades e uma cor que se encontram em toda a França, uma mistura do terror e da ironia, uma excêntrica invenção extraordinária

symbolisme naïf qui atteste le besoin du vrai moral au sein de la fantaisie délirante.

Le Berry, couvert d'antiques débris des âges mystérieux, de tombelles, de dolmens, de menhirs, et de mardelles, semble avoir conservé dans ses légendes, des souvenirs antérieurs au culte des Druides: peut-être celui des Dieux Kabyres que nos antiquaires placent avant l'apparition des Kimris sur notre sol. Les sacrifices de victimes humaines semblent planer, comme une horrible réminiscence, dans certaines visions. Les cadavres ambulants, les fantômes mutilés, les hommes sans tête, les bras ou les jambes sans corps, peuplent nos landes et nos vieux chemins abandonnés.

Puis viennent les superstitions plus arrangées du moyen-âge, encore hideuses, mais tournant volontiers au burlesque; les animaux impossibles dont les grimaçantes figures se tordent dans la sculpture romane ou gothique des églises, ont continué d'errer vivantes et hurlantes autour des cimetières ou le long des ruines. Les âmes des morts frappent à la porte des maisons. Le sabbat des vices personnifiés, des diabolins étranges, passe, en sifflant, dans la nuée d'orage. Tout le passé se ranime, tous les êtres que la mort a dissous, les animaux mêmes, retrouvent la voix, le mouvement et l'apparence; les meubles, façonnés par l'homme et détruits violemment, se redressent et grincent sur leurs pieds vermoulus. Les pierres mêmes se lèvent et parlent au passant effrayé; les oiseaux de nuit lui chantent, d'une voix affreuse, l'heure de la mort qui toujours fauche et toujours passe, mais qui ne semble jamais définitive sur la face de la terre, grâce à cette croyance en vertu de laquelle tout être et toute chose protestent contre le néant et, réfugiés dans la région du merveilleux, illuminent la nuit de sinistres clartés ou peuplent

combinada com um simbolismo ingênuo que atesta a necessidade da verdadeira moral na fantasia delirante.

A Berry, coberta de destroços de épocas misteriosas, de tumbas, de dolmens, de menires e de lápides, parece ter conservado em suas lendas, lembranças anteriores ao culto dos Druidas: talvez aqueles dos deuses Kabires que nossos antiquários colocam antes do surgimento dos Kimris em nosso solo. Os sacrifícios de vítimas humanas parecem pairar, como um resquício horrível, em algumas visões. Os cadáveres errantes, fantasmas mutilados e homens sem cabeça, os braços e as pernas sem corpos, povoam nossos pântanos e nossos velhos caminhos abandonados.

Então, vêm as superstições mais representativas da Idade Média, ainda repugnantes, mas voltadas de bom grado ao burlesco; os animais impossíveis, cujas fisionomias carrancudas se deformam na escultura romana ou gótica das igrejas, continuaram a perambular vivazes, bramindo em torno dos cemitérios ou ao longo das ruínas. As almas dos mortos batem à porta das casas. O *sabbat* dos vícios personificados, dos diabretes estranhos, passa, assoviando, pela grande nuvem da tempestade. Todo o passado é revivido, todo os seres que a morte dissolveu, os próprios animais, reencontram sua voz, o movimento e a aparência; os móveis, moldados pelo homem e destruídos violentamente, emendam-se e rangem sob seus pés cheios de cupins. As próprias pedras se levantam e falam ao transeunte apavorado; os pássaros noturnos cantam para ele, em uma voz abominável, a hora da morte que sempre visita e sempre acontece, mas que nunca parece definitiva sobre a face da Terra, graças a esta crença na virtude da qual todos seres ou todas coisas protestam contra o nada, e

la solitude de figures flottantes et de paroles mystérieuses.

George SAND.

Les trois hommes de pierre

On prétend que certains individus de cette race stupide, crient aux passants attardés : Veux-tu des bras ? veux-tu des bras ? Si on a l'imprudencence de leur répondre : Oui, ils reprennent : Donnons tes jambes ! Et comme ils sont charmeurs, on reste là tant qu'il leur plaît. Un malin que la frayeur avait jeté à la renverse, eut l'esprit de leur dire : Prenez mes jambes, si vous voulez ; elles sont mortes. — Ils ne surent point répliquer, et l'homme put se sauver de leur charme.

(Maurice Sand)

Dans la région de l'Indre qui touche à la Creuse, la nature change d'aspect, les vallons s'enfouissent, les plateaux s'élèvent, la végétation prend de l'essor, les eaux se précipitent, les talus profonds se hérissent de rochers. Les traditions et les légendes sont pourtant plus rares dans cette région pittoresque que dans nos plaines ; mais elles sont généralement tristes, et, sauf ce qui se rapporte à Gargantua, je n'ai pas trouvé par là ce fonds d'humour berrichonne qui mêle souvent l'ironie aux terreurs du monde fantastique.

J'ai nommé Gargantua, et, à ce propos, je demanderai aux érudits si, avant la publication du livre (c'est ainsi, je crois, qu'on disait du temps de Rabelais pour désigner le grand, le seul, le délirant succès littéraire de l'époque), il n'y avait pas, dans les provinces, une légende populaire de Gargantua, dont le grand satirique se serait emparé, comme Goethe de la légende de Faust, et comme Molière de la légende de la Statue du Commandeur. Cette locution des enthousiastes

refugiados na região do maravilhoso, iluminam a noite de clarões sinistros ou povoam a solidão de figuras flutuantes e de palavras misteriosas.

George SAND.

Os três homens de pedra

Diz-se que certos indivíduos desta raça estúpida gritam aos transeuntes retardatários: Queres braços? Queres braços? Se tivermos a imprudência de lhes responder "Sim", replicam: Dá-nos tuas pernas! E como são encantadores, ficamos aqui pelo tempo que quiserem. Um malandro que o pavor tinha derrubado teve a audácia de dizer-lhes: Pegai minhas pernas, se vós quiserdes; estão mortas. — Eles não souberam replicar, e o homem pôde escapar de seus encantos.

(Maurice Sand)

Na região de Indre que toca o rio Creuse, a natureza muda de aspecto. Os vales escondem-se, os planaltos elevam-se, a vegetação cresce, as águas correm, os taludes profundos erguem-se dos rochedos. As tradições e as lendas são, todavia, mais raras nessa região pitoresca que em nossas planícies; mas, em geral, são tristes e, exceto no que se refere a Gargântua, não encontrei por aqui essa essência do humor da região de Berry que muitas vezes mistura a ironia aos terrores do mundo fantástico.

Nomeei Gargântua e, a este respeito, perguntarei aos sábios se, antes da publicação do volume (é assim, creio eu, que dizíamos no tempo de Rabelais para designar o grande, o único, o delirante sucesso literário da época), não havia, nas províncias, uma lenda popular de Gargântua, cuja o grande satirista apreendeu, como Goethe da lenda de Fausto e como Molière da lenda da Estátua do Comandante. Esta maneira de se expressar dos entusiastas contemporâneos a

contemporains de Rabelais, le livre, était-elle uniquement une formule d'admiration exclusive ? Ne signifiait-elle pas aussi une distinction à établir entre le poème éclatant et la légende obscure ? Les ogres remis à la mode par Perrault sont bien les mêmes géants que la chevalerie pourfendait au moyen-âge. Gargantua ne serait-il pas de la même famille, et son nom n'aurait-il pas été ramassé par l'auteur de Pantagruel parmi d'autres types populaires aujourd'hui oubliés pour n'avoir existé que dans les contes de la veillée, de nos ancêtres ? En Berry, où aucune tradition historique n'est restée dans la mémoire des paysans, sinon à l'état de mythe, on est très surpris de retrouver une sorte d'histoire locale très précise de Gargantua tout à fait en dehors du poème de Rabelais, bien que dans la même couleur. À Montlevic, une petite éminence isolée dans la plaine a été formée par le pied de Gargantua. Fourvoyé dans nos terres argileuses, le géant secoua son sabot en ce lieu, et y laissa une colline.

Sur la Creuse, aux limites du Berry, on retrouve Gargantua enjambant le vaste et magnifique ravin où la rivière s'engouffre, entre le clocher du Pin et celui de Ceaulmont, planté sur les bords escarpés de l'abîme. Un bac rempli de moines vint à passer entre les jambes du géant. Il crut voir filer une truite, se baissa, prit l'embarcation entre deux doigts, avala le tout, trouva les moines gros et gras, mais rejeta le bateau en se plaignant de l'arête du poisson.

Ceux qui vous racontent ces choses n'ont certes jamais lu le livre, et pas plus qu'eux leurs aïeux n'ont su son existence. Le nom de Rabelais leur est aussi inconnu que ceux de Pantagruel et de Panurge. Le frère Jean des Entomeures, ce type si populaire par sa nature et son langage, n'est pas arrivé davantage à la popularité de fait.

Rabelais, o volume, era unicamente uma fórmula de admiração exclusiva? Não significou também uma distinção a ser feita entre o brilhante poema e a lenda obscura? Os ogros, em voga desde Perrault, são os mesmos gigantes que a cavalaria combatia fervorosamente na Idade Média. Gargântua não seria da mesma família, e seu nome não teria sido escolhido pelo autor de Pantagruel entre outros tipos populares agora esquecidos por terem existido somente nos relatos de vigília, dos nossos ancestrais? Em Berry, onde nenhuma tradição histórica permaneceu na memória dos camponeses, salvo no estado mítico, ficamos extremamente surpresos de encontrar um tipo de história local muito precisa de Gargântua, fora do poema de Rabelais, embora com o mesmo aspecto. Em Montlevic, uma pequena elevação isolada na planície foi formada pelo pé de Gargântua. Perdido em nossas terras argilosas, o gigante sacudiu seu tamanco neste lugar, e ali formou uma colina.

No Creuse, nos limites de Berry, encontramos Gargântua atravessando o vasto e magnífico desfiladeiro onde o rio corre, entre o campanário do Pin e o de Ceulmont, localizado nas bordas escarpadas do abismo. Uma balsa cheia de monges passou entre as pernas do gigante. Ele pensou ter visto uma truta, então abaixou-se, pegou a embarcação entre dois dedos, engoliu tudo, achou os monges grandes e gordos, mas descartou o barco reclamando da espinha do peixe.

Aqueles que vos contam essas coisas certamente nunca leram o volume e nem seus antepassados souberam de sua existência. O nome de Rabelais também é tão desconhecido quanto aquele de Pantagruel e de Panurge. O frade Jean des Entomeures, esse sujeito tão popular por sua natureza e sua linguagem, já não

Ces personnages sont l'œuvre du poète ; mais je croirais que Gargantua est l'œuvre du peuple et que, comme tous les grands créateurs, Rabelais a pris son bien où il l'a trouvé.

Les superstitions des villages et des chaumières de la Creuse, dans le bas Berry, admettent donc les géants, qui, par opposition, tiennent peu de place dans les chroniques du haut pays. Le haut pays est découvert et ondulé ; le bas pays, raviné et encaissé, est assis sur la roche qui sert de contre-forts aux escarpements du terrain. Ces roches micaschisteuses, de formes bizarres, prennent volontiers l'aspect de figures gigantesques ; mais il s'en faut de beaucoup qu'elles paraissent risibles au pêcheur de mauvaise foi qui va, durant la nuit, lever les nasses de ses confrères. Ce n'est pas le joyeux Gargantua qui lui apparaît : ce sont les trois hommes de pierre, que dans le jour, il appelait les rochers du moine, et qu'il voyait sans frayeur se mirer debout et immobiles sur le bord de l'eau transparente.

Une nuit, Chauvat, du moulin d'en bas, les vit remuer, descendre de leur immense piédestal et se promener sur le rivage en gesticulant ; mais quels horribles gestes, et quelle marche terrifiante ! Ils ne paraissaient avoir ni pieds ni jambes, et pourtant ils allaient plus vite que les eaux de la Creuse, et les cailloux broyés criaient sous leur poids. Il s'enfuit jusqu'à sa maison et s'y barricada de son mieux ; mais les hommes de pierre l'avaient suivi, et comme c'était un mécréant qui ne songea point à se recommander à Dieu, le plus petit de ces colosses appuya son coude sur le pignon de la maison qui s'écrasa comme une motte de beurre.

Chauvat épouvanté, se sauva dans sa grange ; mais le second des hommes de pierre y posa la main et la fendit en quatre comme si c'eût

alcançou mais uma popularidade de fato. Estes personagens são obra do poeta, mas acreditaria que Gargântua é obra do povo e que, como todos os grandes artistas, Rabelais tomou para si inspiração onde a encontrou.

As superstições das aldeias e das cabanas do Creuse, no baixo Berry, reconhecem, então, os gigantes que, em contraste, têm pouco espaço nas crônicas das terras altas. As terras altas são descobertas e onduladas; as terras baixas, cheias de desfiladeiros e encravadas entre encostas íngremes, ficam sobre a rocha que serve de contraponto às escarpas do terreno. Essas rochas micaxistosas, de formas esquisitas, assumem, com prazer, o aspecto de figuras gigantes, mas estão longe de ser risíveis ao pescador de má-fé que, durante a noite, levantará as redes de seus companheiros. Não é o jubiloso Gargântua que surge: são os três homens de pedra, a quem, durante o dia, chamava de rochedos do monge e que viu, sem medo, se contemplarem, eretos e imóveis, na beira d'água transparente.

Uma noite, Chauvat, do moinho abaixo, os viu se mexer, descer de seus enormes pedestais e caminhar pela margem, gesticulando; mas que gestos horríveis e que caminhada terrível! Eles não pareciam ter nem pés nem pernas, porém se moviam mais rápido que as águas do Creuse e os cascalhos despedaçados gritavam sob seu peso. Ele fugiu para a sua casa e barricou-se lá o melhor que pôde; mas os homens de pedra tinham-no seguido, e como ele era um descrente que não pensava em recomendar-se a Deus, o menor desses titãs apoiou seu cotovelo no frontão da casa, que se desfez como uma porção de manteiga.

Chauvat, aterrorizado, fugiu-se para o estábulo; porém, o segundo dos homens de pedra colocou ali a mão e a partiu em quatro como se

été une vieille huguenote en terre de Bazaiges.

Chauvat eut le temps de se sauver et il se réfugia sur la grande écluse qui coupe la rivière en biais d'un bord à l'autre. Là il se crut sauvé ; mais les trois hommes de pierre prirent ce chemin pour s'en retourner à leur place ordinaire sur l'autre rive, et il se vit forcé de rester là, ou de se jeter dans la rivière qui est très profonde de chaque côté de l'écluse ; car de courir plus vite que les géants n'avançaient, il n'y fallait point songer.

Il se rangea et se fit tout petit, n'osant souffler, couché de son long au ras de la chaussée, espérant que ces méchants blocs ne l'apercevraient point. Le premier passa ; puis vint le second qui passa aussi. Chauvat commençait à respirer. Enfin vint le troisième, qui était, de beaucoup, le plus grand et le plus lourd, et qui fit mine de passer de même que les autres. Mais la chaussée était glissante et l'homme de pierre glissa.

Par bonheur, Chauvat se ressouvint enfin de son baptême, et fit le signe de la croix en demandant l'assistance du ciel. L'homme de pierre trébucha et ne tomba point, sans quoi le pauvre pêcheur eût été écrasé comme une coquille d'œuf.

Les retournants sont, dans cette même partie du Berry, des hôtes très nombreux. Il est peu de maison qui ne soit hantée de quelque âme en peine. La Creuse, noire et rapide en certains endroits profonds, où elle coule sans obstacle, entraîne et charrie les esprits plaintifs des gens qui ont trouvé la mort dans ses flots. La nuit, on entend des cris déchirants ; ce sont les noyés qui se lamentent et demandent des prières. Ailleurs, elle écume et gronde dans les rochers ; on entend là les imprécations de ceux qui sont damnés sans rémission.

tratasse de um velho huguenote em Bazaiges.

Chauvat teve tempo de escapar e de refugiar-se na grande represa que corta o rio de um lado ao outro. Ali pensou estar a salvo; mas os três homens de pedra tomaram este caminho para voltar ao seu lugar habitual na outra margem, e ele se viu forçado a ficar ali, ou a jogar-se no rio, que é muito profundo de cada lado da represa; pois não deveria fantasiar em correr mais rápido do que avançavam os gigantes.

Ele se escondeu e se encolheu, não ousando nem mesmo respirar, deitado ao longo da estrada, esperando que esses blocos perversos não o vissem. O primeiro passou, depois veio o segundo que também passou. Chauvat começava a respirar. Finalmente veio o terceiro, de longe o maior e o mais pesado, que fingiu passar como os demais. Mas a estrada era escorregadia e o homem de pedra escorregou.

Por sorte, Chauvat se lembrou finalmente de seu batismo e fez o sinal da cruz, pedindo ajuda aos céus. O homem de pedra perdeu o equilíbrio, mas não caiu, caso contrário o pobre pescador teria sido esmagado como uma casca de ovo.

As aparições são, nesta mesma parte da Berry, hóspedes muito numerosos. Não há muitas casas que não sejam assombradas por uma alma penada. O Creuse, negro e rápido em alguns lugares profundos, onde flui sem obstáculos, embarca e carrega a consciência melancólica das pessoas que encontraram a morte em suas torrentes. À noite, ouvimos gritos dolorosos; são os afogados que se lamentam e pedem orações. Em outro lugar, o Creuse espuma e brande nos rochedos. Então, ouvimos as maldições daqueles que são condenados sem remissão.

Le mot de retournant est bien l'équivalent de celui de revenant. Cependant quelques vieilles femmes vous diront que les âmes des suicidés (les noyés volontaires) sont condamnées à l'éternel travail de retourner les grosses pierres qui encombrant le lit des torrents. Au milieu d'une cascade de la Creuse, une de ces roches noires offre tellement la figure d'une barque échouée, que de loin, on s'y trompe. C'est une pierre retournée : on vous assure qu'elle est blanche en-dessous, et qu'elle a été amenée là de bien loin, par ceux qui retournent.

Ces légendes se rattachent, sans doute, au lugubre souvenir des désastres causés par les crues subites et terribles de la rivière. En 1845, une trombe de pluie gonfla si subitement les affluents torrentueux de la Creuse qui est, elle-même, en cet endroit, un torrent redoutable, que l'eau monta, dit-on, de plus de cent pieds, apportant toute une forêt récemment abattue sur ses rives. Aux approches de l'unique pont de la contrée, la forêt voyageuse s'arrêta deux heures, prise et serrée entre les deux rives à pic, et, à cette masse, vinrent se joindre d'autres masses de toits, de bateaux, de barrières et de débris de toute sorte, si bien que les enfants, qui ne doutent de rien, passaient d'une rive à l'autre, à pied sec sur cette montagne flottante, au-dessus des vagues en fureur. Tout-à-coup la montagne se précipita, emportant le pont qui l'avait retenue et balayant tout sur son passage, maisons, troupeaux, cultures et passants.

Pourtant le souvenir de ce désastre n'a pas suffi à peupler d'âmes en peine les bords et les îlots de la terrible rivière. Il s'y joint la tradition vague d'un combat de faux-saulniers contre les gens de la gabelle, au temps où les seigneurs et les bourgeois conduisaient, dans les sentiers escarpés, leurs mulets chargés de sel de

A palavra aparição é de fato equivalente a assombração. Apesar disso, algumas senhoras de idade lhe dirão que as almas dos suicidas (os afogados intencionais) estão condenadas ao eterno trabalho de revirar as grandes pedras que obstruem o leito das torrentes. No meio de uma cachoeira do Creuse, uma destas rochas negras parece tanto com um barco encalhado, que de longe, nos enganamos. É uma pedra revirada: asseguramos-vos que é branca por baixo e que foi trazida de longe, por aqueles que regressam.

Estas lendas estão certamente relacionadas à lembrança lúgubre dos desastres causados pelas cheias súbitas e terríveis do rio. Em 1845, uma tromba d'água encheu tão inesperadamente os afluentes caudalosos do Creuse, ele mesmo, neste lugar, uma corrente apavorante, que conta-se que a água subiu mais de trinta metros, trazendo toda uma floresta recentemente cortada às suas margens. Ao aproximarem-se da única ponte da região, a floresta viajante parou por duas horas, agarrada e espremida entre duas margens íngremes e esse material juntou-se a outros de telhados, de barcos, de cercas, de destroços de todos os tipos, de tal modo que as crianças, que não desconfiavam de nada, iam de uma margem a outra sobre esta montanha flutuante, acima das ondas impetuosas. De repente, a montanha precipitou-se, levando consigo a ponte que a tinha retido e varrendo tudo que havia em seu caminho: casas, rebanhos, plantações e transeuntes.

No entanto, a lembrança desse desastre não foi o suficiente para encher de almas penadas as margens e as ilhotas do terrível rio. A ela junta-se uma vaga tradição de um combate de falsos salicutores contra os cobradores de impostos, em uma época em que os senhores e a burguesia conduziam, por meio de trilhas

contrebande. L'histoire du Berry ne dit rien de cette bataille. Les vieux paysans l'ont entendue raconter à leurs pères, qui la tenaient de leurs grands-pères. Beaucoup de gens, disent-ils, y périrent, et furent précipités des rochers dans la Creuse. C'est pourquoi l'on entend, dans les mauvaises nuits, des voix que personne ne connaît et qui crient sans relâche : Au sel ! au sel ! À ce cri, tous les mulets des pâturages voisins s'enfuient, les oreilles couchées et la queue entre les jambes, comme si le diable était après eux.

Dans cette même région, la croyance au grand serpent se réveille de temps à autre. On se soucie peu des milliers de vipères qui vivent dans les rochers et qui, dit-on, n'ont jamais fait de mal à personne ; mais le serpent de quarante pieds de longueur et qui a la tête faite comme un homme, est celui dont on se préoccupe. C'est probablement le même qui, dans les temps anciens, mangea trois prisonniers dans le cachot de la grosse tour de Châteaubrun. Depuis, il s'est montré plusieurs fois, et l'année dernière, 1857, tout le pays était en émoi, parce qu'une bergère l'avait vu dans un buisson. Plus de cinquante chasseurs étaient sur pied pour le chercher ; mais, comme de coutume, on ne le trouva point.

escarpadas, suas mulas carregadas de sal contrabandeado. A história de Berry não nos diz nada sobre esta batalha. Os velhos camponeses a ouviram de seus pais, que ouviram de seus avós. Muitas pessoas, diziam eles, morriam e eram atiradas dos rochedos para o Creuse. É por isso que ouvimos, em noites tempestuosas, vozes que ninguém conhece e que bradam implacavelmente: Sal! Sal! A este bramido, todas as mulas das pastagens vizinhas fogem com as orelhas deitadas e o rabo entre as pernas, como se o diabo as perseguisse.

Nesta mesma região, a crença na grande serpente ressurgiu de tempos em tempos. Preocupamo-nos pouco com as milhares de víboras que vivem nos rochedos e que, como se conta, jamais fizeram mal algum a alguém, mas preocupamo-nos com a serpente de doze metros com a cabeça que nem a de um homem. É provavelmente a mesma que antigamente comeu três prisioneiros no calabouço da grande torre de Châteaubrun. Desde então, apareceu diversas vezes e no ano passado, em 1857, todo o país ficou em alvoroço, pois uma pastora a tinha visto em uma moita. Mais de cinquenta caçadores andavam a pé à sua procura, mas, como de costume, não foi encontrada.

Figura 1 - *Les trois hommes de pierre* por Maurice Sand.



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/9/92/Sand_-_Legendes_rustiques.djvu/page47-400px-Sand_-_Legendes_rustiques.djvu.jpg>.

Referências

COSTA, Patrícia Rodrigues; SOUSA, Germana Henriques Pereira de. George Sand no Brasil. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 257-288, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11329/9967>>. Acesso em: jan. 2020.

EDITORA REVOLUÇÃO DAS MARGARIDAS. **Coleção Biblioteca George Sand**. Disponível em: <<https://revolucaodasmargaridas.com.br/colecao-biblioteca-george-sand/>>. Acesso em: jan. 2020.

FRANCE 24. **Berry, the countryside that inspired George Sand**. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/20150904-you-are-here-george-sand-berry-province-france>>. Acesso em: jan. 2020.

SAND, George. À Maurice Sand. In: SAND, George. **Légendes Rustiques**. Paris: A-Morel, 1858, p.I. Disponível em: <<https://ia802705.us.archive.org/20/items/queuvresdegeorges88sand/queuvresdegeorges88sand.pdf>>.

SAND, George. Avant-propos. In: SAND, George. **Légendes rustiques**. Paris: Calmann Lévy, 1877, p.III – IX. Disponível em: <<https://ia802705.us.archive.org/20/items/queuvresdegeorges88sand/queuvresdegeorges88sand.pdf>>.

SAND, George. **Contos da vovó**. Traduzido por: Eric Heneault. Editora Revolução das Margaridas, 2019, 240p. Tradução de: *Contes d'une Grand-Mère*.

SAND, George. **François, o Menino Abandonado**. Traduzido por: Liliane Mendonça. São Paulo: Editora Kuzuá, 2017, 150p. Tradução de: *François, le champi*.

SAND, George. **História da minha vida**. Traduzido por: Marcio Honório de Godoy. Organização: Magali Oliveira Fernandes. São Paulo: Editora Unesp, 2017, 650p. Tradução de: *Histoire de ma vie*.

SAND, George. Les trois hommes de pierre. In: SAND, George. **Légendes Rustiques**. Paris: A-Morel, 1858, p. 55 – 65. Disponível em: <<https://ia802705.us.archive.org/20/items/queuvresdegeorges88sand/queuvresdegeorges88sand.pdf>>.

TRANSLATING GEORGE SAND'S LES TROIS HOMMES DE PIERRE INTO BRAZILIAN PORTUGUESE

Abstract

George Sand, a 19th century French feminist writer, is known mainly for her novels and her life. However, one should also draw attention to her children's books and to her collection of tales, legends, and oral traditions from her home region. It is in this sense that the aim of this work is to present the translation of the short story *Les trois hommes de pierre*, one of the legends published in *Les Légendes rustiques* (1858), not yet translated into Brazilian Portuguese.

Página |
153

Keywords

French translated literature. Oral tradition. George Sand. *Les trois hommes de pierre*.

Recebido em: 15/01/2020
Aprovado em: 08/04/2020